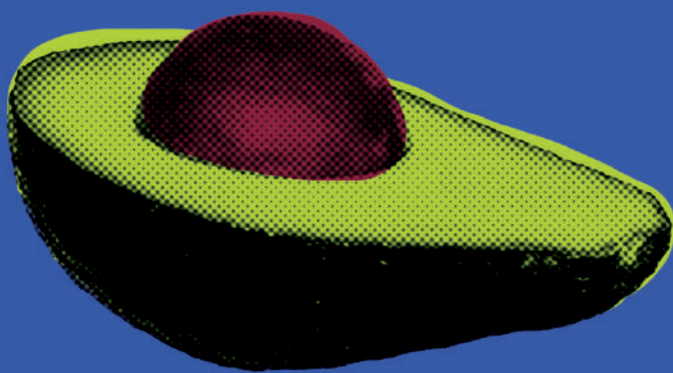


RACHEL INGALLS

Mrs. Caliban

«Um romance perfeito.»

The New Yorker



cavalo de ferro

Fred esqueceu-se de três coisas de seguida antes de chegar à porta de casa e sair para trabalhar. Depois lembrou-se de que queria levar o jornal. Dorothy não se deu ao trabalho de dizer que ela também não tinha terminado de o ler. Limitou-se a ir buscá-lo para lho entregar. Ele hesitou mais uns minutos, a palpar os bolsos e a ponderar se deveria levar o guarda-chuva. Dorothy respondeu a todas as perguntas dele e acrescentou outras da sua lavra: tinha necessidade do guarda-chuva se levava o carro? Achava realmente que ia chover? Se o automóvel fazia aquele barulho esquisito, não devia antes ir de autocarro? E será que já tinha encontrado o outro guarda-chuva? Devia estar algures no escritório. Era um belo modelo desdobrável; ela sugeriu que alguém o levara.

Já tinham recitado uma ladainha semelhante àquela inúmeras vezes. Era quase como se Fred necessitasse das frases feitas daquele ritual para se manter à tona no início dos dias que o submetiam a uma qualquer prova, alguma situação que o punha nervoso.

– Sou capaz de voltar tarde hoje – disse ele. – Vai haver... não sei ainda, mas ligo-te do escritório. Está bem?

– Claro. Tudo bem.

Ela permaneceu à porta enquanto ele saía e descia o caminho de acesso à casa. Não se virou uma única vez para trás. E, claro, há vários anos que não lhe dava um beijo de despedida. Foi assim que começou o caso dele com a rapariga do departamento de publicidade: as noitadas no escritório. Talvez fosse isso. Ou talvez tudo aquilo fosse genuíno, mas ela já não sabia o que esperar dele.

Fez as camas, aspirou, tomou um duche e vestiu-se, e estava na cozinha a lavar a loiça quando olhou para o rádio e lhe ocorreu ligá-lo. Era um aparelho grande, castanho-escuro, antiquado, daqueles que parecem uma catedral gótica dos anos trinta.

Há três semanas que ouvia coisas na rádio que não podiam de modo algum ser reais. A primeira vez aconteceu durante um anúncio publicitário a um bolo instantâneo e a voz da mulher disse, num tom perfeitamente normal (o mesmo tom do resto do anúncio): «Não te preocupes, Dorothy, vais ter outro bebé. Basta descontraíres e parares de te preocupar com isso. É garantido.» E, depois, a voz tinha voltado ao infalível bolo instantâneo.

Não achou que estivesse a enlouquecer, não imediatamente. Concluiu que os seus pensamentos se tinham simplesmente imiscuído nos sons graves e no ritmo insistente da emissão. Porém, no dia seguinte ouviu no noticiário uma história acerca de uma galinha que tocava violino — a ave fora apelidada de «o Heifetz do galinheiro» — e descobriu mais tarde que nenhuma das amigas que tinham o rádio sintonizado naquela estação naquele momento o tinham ouvido.

Enfim. Era um rádio velho, no fim de contas. Um rádio muito velho. Seria decerto possível que as frequências se

misturassem, ou algo assim. Um tipo de estática ou interferência que não produzia nenhum barulho particularmente irritante, mas que se fundia com o tom do programa. Dorothy não punha o volume muito alto, pois só desejava um fundo sonoro que lhe permitisse pensar, mas a impedisse de remoer. Entretanto ganhara o hábito de pôr o volume mais alto quando ouvia alguma coisa invulgar, e francamente não conseguia dizer em que momento a emissão original era interrompida ou se desvanecia e a outra se intrometia. As vozes soavam ao mesmo de sempre e só o tom parecia ligeiramente alterado e destinado especialmente a ela.

Continuava a pensar que não estava a enlouquecer. Em todo o caso, sentia agora uma certa apreensão quando ligava o aparelho. Quando a conversa ou a música começava, ela ficava feliz e descontraída. Sentia um estremecimento de emoção e ligeiro alarme apenas quando se apercebia de que estava em curso um daqueles anúncios especiais. Não queria mais ouvir falar de ter um bebé, nem de si e de Fred, nem do seu casamento. Até então, o primeiro anúncio havia sido o único do foro íntimo. Mas podia haver outros. Não contara a ninguém que os ouvia, e muito menos a Fred. Claro que não.

Manteve uma mão sobre a torneira e olhou para o rádio. Era a hora em que podia sintonizar estações estrangeiras e ouvir música clássica sem estática.

Atravessou a divisão e ligou o rádio, captando uma sinfonia a meio de uma escalada de grandes acordes. Pôs-se a trautear e abriu a torneira do lava-loiça. A orquestra continuou em ascensão até se precipitar num final que prometia ser verdadeiramente grandioso – foi mesmo introduzido por

um rufar de tambores – e, repentinamente, tudo pareceu acalmar e uma voz, uniforme e clara, disse:

Senhoras e senhores, interrompemos este programa para fazer o seguinte comunicado a todos os habitantes da região. Esta manhã, bem cedo, os guardas do Instituto Jefferson de Estudos Oceanográficos foram atacados por uma criatura capturada há seis meses pelo professor William Dexter durante uma expedição à América do Sul. A criatura, conhecida na imprensa pelo nome de «Aquarius, o Homem Monstro», tratar-se-á, a julgar pela aturada análise científica já realizada, de uma espécie de anfíbio gigante capaz de viver tanto debaixo de água como em terra firme durante períodos longos. Também é extremamente perigoso, como demonstram os trágicos acontecimentos desta manhã, pois dois trabalhadores do Instituto, o guarda John Kelsoe e o Dr. Dennis Wachter, foram encontrados já sem vida e horripelmente mutilados perto da jaula vazia do animal. Quando Aquarius, o Homem Monstro, foi levado para o Instituto, julgou-se que atrairia estudantes de todo o país, mas os cientistas encarregados de estudar os seus hábitos foram unânimes em advertir para o grande perigo de o contacto com um número excessivo de pessoas o expor a doenças contagiosas que, embora inócuas para a raça humana, poderiam ser fatais para a sua fisiologia tão misteriosamente diferente. Avisaram ainda que o homem monstro possuía uma força incrível e devia ser considerado extremamente perigoso, em especial se espicaçado a ponto de

ficar enfurecido. Esta admoestação provou agora ser tragicamente acertada, como bem sabem os entes queridos dos dois homens que morreram enquanto cumpriam com lealdade e coragem as zelosas tarefas de investigadores em busca de conhecimento. Sublinhamos a importância deste aviso a todos os habitantes da região: este animal é violento, pelo que ninguém se deve aproximar dele em caso algum. Se alguém o vir, telefone imediatamente à polícia. Repetimos: o monstro é perigoso.

Por um instante, Dorothy julgou que a notícia acerca de Aquarius era um daqueles anúncios destinados especialmente a ela. Mas era impossível. As suas vozes especiais nunca falavam durante muito tempo e apresentavam um timbre doce, íntimo e onírico, parecendo emanar directamente do interior do órgão auditivo, em vez do exterior. Aquela alocação fora feita na habitual entoação exaltada dos vendedores publicitários.

Se Scotty fosse vivo, Dorothy estaria agora a ligar para a escola informando que, tendo em conta o alerta, ia buscar o filho da parte da tarde. Só que ele seria um menino crescido agora. Que idade teria? Morrera por causa de uma anestesia banal dada antes da operação a uma simples apendicite, e depois a explicação que lhe deram foi «reação isolada», «alergia insuspeita» e «sensibilidade ao medicamento». E, passados uns meses, ela perdeu o bebé. Foi nesse momento que as coisas começaram a mudar com Fred. O primeiro golpe deixara os dois aturdidos, mas o segundo fez com que se afastassem um do outro. Culpavam-se mutuamente, ao mesmo tempo que alimentavam ressentimento, ira e culpa perante a ideia de que o outro irradiasse a mesma

censura injusta. Com o tempo, tornou-se mais simples varrer tudo para debaixo do tapete; estavam demasiado exaustos para fazer outra coisa. E assim continuaram: os silêncios, a distância, a desolação de iniciarem conversas que sabiam não conduzir a lado nenhum. Muito antes de ser infiel, Fred decidiu que dormiriam em camas separadas. Andavam ambos com insónias e acordavam a horas diferentes. E, afinal, não andavam propriamente a aproveitar o facto de partilharem a mesma cama. Assim que ele disse aquilo, ela soube que era o fim, mas não teve forças para arranjar uma solução. Ele também não devia ter muitas forças, ou então já estariam divorciados. Se se varrer tudo para debaixo do tapete, mais tarde ou mais cedo é preciso sair de casa.

Às onze e dez, o telefone tocou e Fred anunciou que o carro – o seu célebre carro, antigo mas muito estimado – tinha voltado a avariar, e que ele ia chegar tarde e que talvez levasse alguém para jantar. Uma refeição ligeira, porque tinham de falar de trabalho.

– Descobre se é vegetariano ou um daqueles fanáticos por comida saudável, sim? – disse Dorothy. – Não quero servir um bife a uma pessoa que depois se põe a gritar um mantra mágico contra mim.

– Não, não é. Qualquer coisa serve. Cerveja e sanduíches.

– Isso não, vou preparar-vos uma refeição quente. Mas se não me dizes imediatamente o que queres que arranje, vai ser esparguete à bolonhesa e salada. E gelado.

– Parece-me bem. Até logo – disse ele, e desligou muito mais depressa do que ela previra.

Dorothy ficou a sentir-se ligeiramente contrariada e agastada, primeiro com ele e depois consigo própria.

Vestiu o *maillot* e fez os seus exercícios no quarto das visitas. Fazia exercícios de dança normais, não daqueles que se fazem para manter a forma. Começou sem música e depois foi buscar o rádio e ligou-o.

Gostava de estar no quarto das visitas, que nunca acolhera nenhuma visita. Servia essencialmente para guardar malas e móveis. O quarto que usavam para as visitas era bastante maior. Dorothy pintara-o e pendurara os cortinados sozinha. Já havia uma cama e uma casa de banho contígua. Originalmente tinham pensado em transformá-lo num quarto de brincar para as crianças, pela conveniência de ficar no piso térreo. Na última gaveta de uma das cómodas ainda havia dois ou três brinquedos de Scotty. Fred não se aproximava sequer dali. Provavelmente julgava que o quarto ainda estava cheio com o mobiliário de jardim, o conjunto de cróquete e outras coisas que Dorothy ali pusera na altura em que o senhor Mendoza construía o alpendre de jardim.

Estava a meio do que imaginava ser um movimento ao estilo do *Lago dos Cisnes*, quando a música abrandou e uma voz baixa procedente do rádio disse num tom tão débil que ela mal distinguiu as palavras: «Está tudo bem, Dorothy. Vai correr tudo bem.»

Endireitou-se e apercebeu-se de que estava coberta de suor. A música retomou como antes. Dorothy foi para a casa de banho e despiu-se, tomou um duche rápido, trocou de roupa, lavou o *maillot* suado e pendurou-o no varão da cortina de banho.

Foi de carro à cidade e comprou cogumelos, carne e queijo. No supermercado, alguém veio lançado contra o seu carrinho e chocou com ele. Era a sua amiga Estelle.

– Ora bem, minha senhora, a sua companhia de seguros tem a pagar quatro milhões de dólares à minha. E ficará proibida de conduzir neste supermercado novamente.

– Condutora de domingo! – gritou Dorothy, a rir, e devolveu o empurrão.

Uma rapariga que estava nas caixas olhou para elas como se estivessem a estragar a mercadoria.

Na companhia de Estelle, Dorothy tornava-se mais espalhafatosa, mais infantil e feliz do que junto de outra pessoa qualquer. Estelle trazia ao de cima os instintos subversivos das outras pessoas. No dia em que se conheceram, deram por si na cozinha de Estelle a beber uma garrafa inteira de xerez às duas da tarde e a contar as pobres vidas que tinham uma à outra, e aquilo pareceu tão desesperante que desataram a rir e não conseguiram parar durante vários minutos. Eram amigas desde então.

– Queres ir beber um cafezinho lá a casa? – perguntou Estelle.

– Adorava, mas tem de ser rápido. O Fred vai levar uma pessoa do escritório para jantar lá em casa.

– E tu andas a fazer das tripas coração para cumprir as tuas obrigações de esposa. Meu Deus, não tenho saudades nenhuma disso.

– Estás a brincar. Vão comer esparguete e já gozam.

Comparavam receitas de molho de carne quando uma figura com aspecto de boneca gigante se aproximou troteando por um dos corredores. A coisa era do sexo feminino, vestia uma espécie de uniforme de *majorette* e trazia um tabuleiro suspenso por uma tira colocada em torno do pescoço. Uns caracóis compridos assomavam debaixo de uma espécie de

barrete militar feito em cartão pintado num tom metálico, purpurina vermelha e rosetas nos lados. O tabuleiro estava coberto de minúsculos quadrinhos de queijo, no centro dos quais se erguia, direito, um palito.

– Será que querem experimentar a oferta especial de hoje, minhas senhoras? – começou a rapariga, e debitou prontamente um discurso de vendas quase inteiramente desprovido de inflexão expressiva.

Estelle, para a calar, pegou num dos palitos e após um minuto de pausa, durante o qual Dorothy temeu que ela enfiasse o pedacinho de queijo na boca da rapariga, levou-o à boca. Mas a voz prosseguiu, aparentemente dissociada do olhar lânguido da rapariga e dos seus lábios que mal se mexiam. Na verdade, os olhos davam a impressão de ela se ter ausentado temporariamente da Terra e de estarem a observar tudo a partir de outro planeta. Virava o rosto ora para uma ora para outra, enquanto a sua voz mencionava queijos suíços, americanos e franceses.

– E que tal? – sussurrou Dorothy.

– Digo-te quando acabar de mastigar – respondeu Estelle, fingindo dificuldade em mastigar o queijo.

A rapariga pôs o tabuleiro debaixo do nariz de Dorothy.

– Hum, não, obrigada.

– Não é obrigada a comprar.

– Mas eu já comprei o queijo de que precisava.

– Mas este está em promoção.

Era uma acusação. Aproximou o tabuleiro com mais insistência. Dorothy deu um pequeno passo atrás. A rapariga avançou.

– Parmesão – apressou-se Dorothy a dizer. – É o único que se adequa ao jantar que vou fazer. E que tal, Estelle?

– Experimente também – interveio a vendedora.

– Insípido e inócuo, com um sabor dominante a plástico, como um queijo processado.

– Não é queijo processado – respondeu a jovem, na sua voz mecânica e clara. – Este queijo é feito com os melhores...

– Pois, pois.

– Vendeu muito hoje? Mais do que se pusessem simplesmente um cartaz na secção de queijos? – perguntou Dorothy.

– Terá de perguntar ao coordenador das campanhas publicitárias. Não tenho acesso aos números de vendas.

A rapariga fez meia-volta e desceu o corredor aos tropeções.

– Uma pessoa até se pergunta o que fazem a esta gente. Nem uma risada, nenhuma reacção, nenhum sinal de vida. E tão jovem, ainda por cima – disse Estelle.

– Processada, como o queijo. Tive de fazer isto uma vez, na altura do Natal. Havia pessoas que ficavam paradas a ouvir-me repetir a mesma coisa cinco vezes.

– Que estavas a vender?

– Oh, um lenço especial que, na verdade, nada tinha de diferente. Todas as formas de o atar. Uma coisa idiota, claro. Só há duas maneiras de atar um lenço de modo que este resista ao vento.

– Olha, lá vem ela outra vez.

Dorothy virou-se e viu a *majorette* vendedora de queijo dirigir-se a elas.

– Não, é outra igual a ela.

– Bom dia, minhas senhoras. Podemos convidá-las a experimentar a nossa oferta especial de hoje? Este queijo, feito com os melhores ingredientes...

– Oh, muito obrigada, mas...

– Desculpa lá, miúda. A tua amiga já se adiantou – disse-lhe Estelle. – Espero que não recebam à comissão.

– Obrigada na mesma – acrescentou Dorothy.

A rapariga rodou sobre os calcanhares e foi procurar outros clientes.

– Se ela tiver dois dedos de testa, esconde-se num canto e come metade dos pedacinhos de queijo, para eles pensarem que é uma óptima vendedora – disse Estelle.

– Num sítio destes, o mais provável é que os empregados tenham de passar numa máquina de raios x antes de irem para casa, para verificar se levam os palitos. Já viste a quantidade de espelhos de vigilância e câmaras escondidas?

– Até me arrepia. Francamente. É um sonho presbiteriano tornado realidade... sabes, Deus vê tudo, Deus está a ver-te, estejas onde estiveres e faças o que fizeres.

– Aposto que ele foi à cozinha buscar uma cerveja ao frigorífico.

– Vê só isto, dá para acreditar? Vem aí outra.

Uma terceira vendedora saltitava na sua direcção. Desta feita tentaram evitá-la e, pela primeira vez, repararam num sinal de vida na rapariga, conforme a excitação da caçada a impulsionava para elas, queixo erguido, olhos iluminados de esperança. Estavam quase a chegar às caixas quando ela as alcançou. Dorothy interveio, antes que Estelle dissesse alguma coisa acutilante.

A caminho do parque de estacionamento, Dorothy disse:

– Estou mesmo convencida de que alguém lhes andou a meter na cabeça que aquilo era um desafio e que forçar as pessoas a comprar aquelas coisas era uma espécie de objectivo supremo.

– Soldados em prol do reino do queijo processado... blhec. Sempre vens tomar café?

– Está bem, mas tem de ser rápido.

Estelle foi à frente. Conduzia lentamente, porque Dorothy era uma condutora prudente, com tendência a ficar nervosa se a apressassem. Estelle, pelo contrário, era uma acelera por natureza e detentora de reflexos excelentes, mas tinha o hábito de arriscar, sobretudo quando pensava poder dar uma lição a outro automobilista. Só por mera sorte ainda não tinha sofrido um acidente grave ou, no mínimo, sido alvo de um processo.

Estavam sentadas na cozinha de Estelle, quando Dorothy se deu subitamente conta que teria preferido um chá, mas Estelle, que tinha orgulho no seu café, levou a melhor. Além de moer ela mesma os grãos numa máquina especial, comprava os grãos ainda brancos e tratava da sua torrefacção.

Interromperam a conversa enquanto a máquina trabalhava. Estelle mantinha a mão pousada com firmeza sobre a tampa, que, ligeiramente lascada de lado, desataria a girar e voaria se deixada entregue a si mesma. O som lembrava uma serra circular, mas não durou muito. Estelle deitou o café num filtro de papel e começou a verter água sobre ele.

– Bem, Dorothy, tenho uma coisa para te contar. Conheces a Jeanie Cranston? De vez em quando ainda me convidam para casa deles, para me apresentarem um solteiro tarado. Não passa de um pretexto. O que querem é arrancar-me informações sobre o que ando a fazer no estúdio: historietas acerca dos famosos, nomes para usarem em conversa com outros, sabes como é. Mas gosto de ver o Josh, só para falarmos dos bons velhos tempos.

Numa pacata cidade dos subúrbios, Dorothy leva uma existência apagada e rotineira, que somente um velho rádio consegue suspender com as suas mensagens consoladoras: *não te preocupes, Dorothy, vai tudo correr bem*. É também uma notícia de última hora da rádio que lhe dá conta que um monstro aquático anda a monte pela cidade, o mesmo que consegue entrar sorrateiramente na cozinha de Dorothy. Porém, ela, uma dona de casa *demasiado infeliz para pedir um divórcio*, abatida por sucessivos lutos e entorpecida por uma resignação pacífica e silenciosa, tem uma visão totalmente distinta do perigoso anfíbio. Diante dos seus olhos, Larry surge como uma criatura bela e terna à qual não hesita em oferecer guarida...

Publicado em 1983, *Mrs. Caliban* é a obra-prima de Rachel Ingalls, uma das vozes mais importantes da literatura norte-americana, recentemente redescoberta pela crítica internacional. Um romance que explora os temas da solidão, do amor, e as convenções sociais que escondem o mais sombrio e profundo desespero doméstico.

«Uma parábola magistral e muitíssimo bem escrita do primeiro ao último parágrafo.»

John Updike

ISBN 978-989-564-014-0
9 789895 640140



cavalo de ferro